

TEORIA, MÉTODO E PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NO ENSINO DE PRÉ-HISTÓRIA

Cláudia Cristina do Lago Borges

Katharine Suelen do Nascimento Rodrigues

A questão da educação no Brasil é palco de calorosas discussões, especialmente se considerarmos os longos anos de ensino e os métodos aplicados, não apenas por professores, mas por toda uma cadeia de sistema que reproduz o ensino no país. E quando nos reportamos para o ensino de História, devemos pensar nas diversas mudanças ocorridas, que vão desde os antigos modelos tradicionais, em que o professor surge como um ator recitando seu monólogo composto por descrições de fatos, eventos e datas diante de um quadro-negro e com seu livro didático servindo como um manual de instrução sobre os assuntos a serem apresentados em sala de aula, até o professor que atua como um animador de torcida, utilizando-se dos mais diversos recursos audiovisuais para assim buscar a atenção de seus alunos.

O que pretendemos discutir aqui não é simplesmente qual perfil o professor deverá assumir em sua sala de aula ou criticar os modelos vigentes do sistema, mas analisar e sugerir perspectivas que auxiliem esses profissionais a uma adequação junto ao sistema de ensino, principalmente diante das novas tecnologias, que cresce de forma veloz e são exigidas por um público cada vez mais ávido de conhecimento. Ao longo de um ano e meio, experiências adotadas na disciplina de Pré-história do curso de História da UFPB têm mostrado resultados positivos na discussão, planejamento e execução de diferentes recursos didáticos aplicados em diferentes níveis escolares, e que vem, gradativamente, melhorando o desempenho dos alunos da graduação e trazendo idéias inovadoras que possam aprimorar o interesse, o conhecimento e o aprendizado de alunos em diferentes níveis escolares.

Em geral, quando observamos a atuação dos professores nas escolas frente ao conteúdo de pré-história, percebemos que há certo desconforto em discutir o assunto, e isto pode ser explicado a partir de alguns fatores: 1) a Pré-história compreende períodos temporais muito vastos, difíceis de ser relacionados ao chamado tempo histórico, e os elementos que a compõe, como os diversos estágios evolutivos do homem e da terra, parecem não ter um

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

segmento lógico na linha temporal que o nosso raciocínio consegue acompanhar. Ou seja, analisando o comportamento dos alunos, percebemos que a linha de raciocínio segue uma temporalização visual, em que, ao falar do passado, ele associa os eventos históricos às imagens reproduzidas em telas, gravuras, fotografias, monumentos arquitetônicos, ou ainda, que estão associadas a jogos ou a filmes, e que, de forma direta ou indireta, compõe o seu cotidiano. Mas como visualizar uma evolução biológica ocorrida a milhões de anos atrás¹, a não ser pelas reproduções encontradas nos livros didáticos? 2) Uma saída para essa questão estaria na visitação de sítios arqueológicos ou a museus que apresentassem em seu acervo peças de composição do mundo pré-histórico, desta forma os alunos teriam uma vivência sobre os ambientes atuais que foram habitats de antigos grupos humanos. Mas o que dizer das áreas que não possuem nenhum dos dois espaços disponíveis para visitação? 3) Com relação ao professor, ou melhor, a formação deste, nos deparamos com os cursos de licenciatura em História que não oferecem em sua grade curricular a referida disciplina. Neste caso, o docente que vai para as escolas se vê diante de um assunto que lhe é estranho, mas que necessita ser discutido em sala de aula. Resta-lhe então munir-se de textos, artigos e reportagens sobre as descobertas arqueológicas que descortinam os enigmas da pré-história, e usar como suporte junto aos alunos aquilo que é discutido no livro didático. 4) O livro é outro elemento de análise enquanto recurso didático. Apesar de o assunto ser abordado já nos primeiros anos do ensino Fundamental II, o conteúdo apresenta-se de forma bastante simplificada. Nos anos seguintes em que o assunto é retomado, alguns autores já trabalham questões mais conceituais. De todo modo, ao chegar à graduação, o aluno ainda mantém os mesmos vínculos e percepções generalizadas sobre a pré-história.

Durante muitos anos o estudo de antigos grupos humanos ficou restrito ao ofício dos arqueólogos e antropólogos. Pesquisas realizadas por cientistas profissionais, e até mesmo amadores, trouxeram à tona vestígios da antiguidade humana, demonstrando que nossos mais remotos antepassados ocuparam diversas áreas do planeta. Entretanto, as concepções das escolas científicas, bem como os métodos utilizados – ou a falta destes - não definiam diretrizes que explicassem a origem do homem, fosse pelo local ou pela sua espécie. Contudo, os métodos práticos utilizados por essas ciências, os quais apontavam o homem como objetos

¹ Nas primeiras avaliações realizadas com os alunos percebe-se a dificuldade destes em assimilar as gradativas mudanças biológicas ocorridas entre as espécies de gênero Homo em relação ao tempo e as variações geológicas. Em geral, a percepção que os alunos possuem é que tudo ocorreu repentinamente, e que a condição biológica não teve qualquer relação com as condições do ambiente.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

de estudo a partir da sua evolução biológica e tecnológica, distanciavam o historiador tradicional que se utilizava da escrita para decifrar a história do homem, diferenciando assim os grupos “civilizados” dos ágrafos.

Nesta perspectiva, o ensino de história também refletia tal distanciamento entre as ciências. Segundo Circe Bittencourt (2011), no século XIX o ensino de História estava relacionado aos conceitos morais, religiosos e de patriotismo. E para isso, explorava-se o método da memorização para “aprender de cor”, ou seja, “Aprender História significava saber de cor os nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos.” (BITTENCOURT, 2011, p. 67). Nesta perspectiva, a história do homem estava ligada aos grandes feitos, não importando, ou mesmo não admitindo a existência de povos muito antigos. Para tanto, basta exemplificar que o estudo dos povos indígenas no Brasil nesse período era tratado por poucos, e o assunto visto pela maioria com desdém.

As mudanças no ensino de História tiveram seus primeiros efeitos com a introdução da Nova História. O surgimento da Escola dos Annales não foi apenas o impulso essencial para uma nova percepção no modo de ver e pensar a História, mas produziu um reflexo primordial para que novos métodos de pesquisa e ensino fossem implantados também em sala de aula. A partir do momento em que pensadores como Lucien Febvre e Marc Bloch aproximaram a História das Ciências Sociais e abriram o leque de fontes históricas para além do documento escrito, permitiram que historiadores utilizassem sem receios o conhecimento de outras ciências, como a Geografia, Cartografia, e mesmo a Arqueologia, antes consideradas disciplinas auxiliares da História (RODRIGUES, 1969; BESSELAAR, 1968). A produção do conhecimento deixara então de ser unilateral para integrar a ordem da interdisciplinaridade.

Outra significativa mudança promovida pela Escola dos Annales está na própria concepção sobre o documento histórico. Opondo-se a Escola Metódica que considerava a heurística documental como mote para os estudos históricos, a Nova História alargou a noção de fonte, considerando como documento histórico tudo aquilo que fosse produzido pelo homem. Desta forma, a história da humanidade não se limitava ao que fora escrito, mas se considerava as ações, o pensamento, a arte, as práticas cotidianas, as relações humanas embutidas nas relações sociais. De outra forma, a ampliação dos documentos sugeriu a diversificação de temas, e vice-versa. (KARNAL, TATSCH, 2009) Com isso,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

a noção de documento ampliou-se mais do que os historiadores tradicionais queriam, mas, igualmente, não atingiu o patamar de “qualquer coisa” que certos vulgarizadores do pós-modernismo pregavam. Ocorreu por certo, um esgarçamento do conceito. (KARNAL, TATSCH, 2009, p. 16).

Essa nova concepção do uso dos documentos históricos e a aproximação com as outras ciências também deixou claro que a História é o estudo do homem não apenas no tempo, mas também no espaço. Assim, o que antes era assunto específico da Geografia, tornou-se elemento de contextualização da História. A ocupação dos espaços, as mudanças na paisagem, a relação espaço e economia fazem parte da construção da história dos homens, no passado e no presente. Como afirma José D’Assunção Barros,

A interdisciplinaridade entre a História e a Geografia é estabelecida, entre outros aspectos, através de conceitos como "espaço", "território", "região", (...) Em uma de suas instâncias mais primárias, o espaço pode ser abordado como uma área indeterminada que existe previamente na materialidade física (e, neste caso, ainda não estaremos considerando as noções de 'espaço social', de 'espaço imaginário' e de 'espaço literário' que já foram mencionadas). Foi a partir desta noção fundadora que, na Geografia tradicional, começaram a emergir outras categorias como a de "paisagem", de "território" e de "Região" — noções de que logo os historiadores começariam a se apropriar para seus próprios fins. (BARROS, 2006)

Ao sair do invólucro de cobria o pensar histórico e compreendendo a importância da interdisciplinaridade, a Pré-história também passou a ser foco de investigação pelo historiador. Assim, a existência de vestígios materiais, como ossos humanos, objetos utilitários, antigas construções, instrumentos líticos, grafismos rupestres sendo encontrados em diversas partes do planeta, e até mesmo os diferentes espaços de ocupação não podiam mais passar despercebidos pelo historiador como elementos da própria existência humana. Deste modo, antigos grupos humanos, formados por indivíduos nômades e ágrafos começaram a fazer parte da História da Humanidade. Mais, a humanidade como um todo não surge simplesmente das chamadas antigas civilizações clássicas ou aquelas em torno do Oriente Médio, ela está em todo lugar, começando pela África. Como afirmou Le Goff, “A ideia da história como história do homem foi substituída pela ideia da história como história

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

dos homens em sociedade” (LE GOFF, 2003, p. 8). Assim, não era apenas a organização da estrutura social e cultural que determinava o homem na história, mas a sua própria condição de estar situado em um tempo, espaço, grupo.

Frequentemente os noticiários nos apresentam informações de descobertas de um novo fóssil como o possível elo perdido da espécie humana, ou das inovações no ramo da biogenética com o rastreamento do DNA mitocondrial capaz de datar nosso surgimento em épocas e lugares muito remotos. Mas voltamos a questão: como transmitir esse conhecimento para um público com idade média de 10 a 12 anos, ou mesmo para um público de mente mais adulta, sem confrontar os valores religiosos vigentes de cada indivíduo? E, se colocarmos em questão os valores religiosos do próprio professor ou daqueles adotados pela escola em que ele atua, o quadro apresenta então outros agravantes de cunho pedagógico, visto que, o assunto está abordado no livro didático, e, portanto, difícil de ser simplesmente ignorado. De um modo, ou de outro, o professor terá que enfrentar a batalha da discussão sobre a origem do homem.

A discussão em questão sobre a pré-história, pautada na teoria evolucionista e na influência das alterações climáticas e ambientais da terra durante os últimos 5 milhões de anos², convertem para um dos pontos em questão: a formação docente.

Ao chegar à graduação, em geral, o conhecimento do aluno sobre a pré-história reflete um acúmulo de generalizações adquirido ao longo dos anos. São comuns opiniões da convivência entre homens e dinossauros; que o surgimento do homem se deu de forma simultânea em diversas partes do mundo ou ainda que o processo de migração tenha se dado juntamente com a separação dos continentes. Para todos esses fatores, são desconhecidas as enormes diferenças temporais que separam cada episódio e que giram em torno de milhões, ou bilhões de anos.

O senso comum presente nos graduandos advém de diversos fatores, dentre eles as lacunas observadas na própria formação escolar. Como dito anteriormente, o professor de História tem a obrigatoriedade de seguir um programa curricular, este guiado pela escola, pelo livro didático e pelos parâmetros curriculares. Durante a sua formação acadêmica, o aluno também segue parâmetros, esses determinados pela licenciatura. O problema surge quando o curso não oferece essa especificação do conhecimento ao aluno. Analisando as grades

² Datação referente a espécie considerada mais antiga: o *Synantropus*.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

curriculares de licenciatura em História de 30 universidades brasileiras (Federal e Estadual), constatou-se que a disciplina não faz parte do currículo de 64% das instituições. Em 36% delas, a disciplina é ofertada, sendo que, em apenas uma, a UFS, a disciplina tem caráter eletivo, nas demais, ela é obrigatória já para o primeiro semestre. Na UFPE, Pré-história está dividida em duas disciplinas – PH I e PH II. Para as instituições que não oferecem a disciplina, buscou-se identificar se havia uma abordagem do assunto, pelo menos, nas ementas das disciplinas de História da África, História da América I e Brasil I, porém, as informações disponibilizadas pelos sites das instituições foram insuficientes para qualquer afirmação comparativa e quantitativa (MEC/INEP). Em geral, as instituições que oferecem a disciplina, contam com professores especializados nas áreas de conhecimento, como Antropologia e Arqueologia.

Adicionando à questão curricular, o acervo bibliográfico nas bibliotecas universitárias ainda apresenta um problema latente. O mercado editorial tem, aos poucos, ampliado a publicação de obras que tratam o assunto de forma mais sistemática, e, obviamente, com resultados mais atualizados das pesquisas arqueológicas. No entanto, a divulgação e disponibilização dessas obras para uso público dos graduandos ainda não é o que podemos considerar como ideal. A saída, até mesmo para os cursos de licenciatura é a busca de artigos publicados em periódicos especializados, cuja linguagem atende, também, um público específico do campo da Antropologia ou Arqueologia.

Associado aos conceitos específicos da Pré-história, a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs são pautados enquanto elementos de políticas educacionais que difundem ideologias, propostas culturais e pedagógicas com grande poder de introdução no contexto escolar. Não se autodenominam um currículo acabado e obrigatório, mas o seu nível de detalhamento desenvolve um currículo que possa orientar as ações educativas no ensino obrigatório e melhorar sua qualidade nas escolas brasileiras. A orientação proposta pelo documento reconhece a importância da participação construtiva do aluno e a intervenção do professor para uma aprendizagem que favoreça o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo. Para tanto, os PCNs, em linhas gerais, buscam em suas propostas a participação entre Estado e sociedade na ação educativa, acreditando que, desta forma, o conhecimento adquirido produza maior compreensão, integração e inserção do

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

indivíduo no mundo, além de inseri-lo no contexto da cidadania e na construção de sua identidade cultural.

Essa construção do conceito e da identidade sócio-cultural perpassa pela fundamental relevância da transparência do projeto educativo elaborado pelas escolas, bem como da necessidade de abordar Temas Transversais no âmbito das diferentes áreas curriculares e no convívio escolar, com a proposta de ampliar a visão de conteúdo para além dos conceitos, inserindo procedimentos, atitudes e valores como conhecimentos tão importantes quanto aqueles tradicionalmente abordados. Também, deverá apontar a necessidade do desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação, além de valorizar os trabalhos dos docentes como produtores, articuladores, planejadores das práticas educativas e como mediadores do conhecimento socialmente produzido.

Nesse sentido, para o Ensino Fundamental, os PCNs se apresentaram como uma proposta referencial, de caráter aberto e maleável, sem, contudo, se sobrepor às competências dos Estados, dos municípios e das próprias escolas. Assim, como referencial, pode absorver mudanças na legislação, desde que efetuadas as devidas adaptações.

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação Específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização.

Muitas abordagens educativas são esclarecidas pelos PCNs como a importância da autonomia do aluno, interação, cooperação e decisões sobre a avaliação e uso de tecnologias de comunicação e expressão, e como processo de construção de novos conhecimentos. O papel da escola hoje é tomar consciência de que as práticas pedagógicas são sociais e políticas e que a relação educacional é uma relação política para a formação da cidadania e orientação para o exercício pleno da participação social. Em linhas gerais, a existência dos PCNs objetiva orientar as ações educativas no ensino obrigatório e, dessa forma, melhorar a qualidade do ensino nas escolas respeitando as diferenças culturais, regionais, políticas e as

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁIBA

necessidades de referenciais nacionais comuns ao processo da educação em todas as regiões do Brasil.

Em nível de Estado, temos um conjunto de três documentos que também servem de subsídio para as novas práticas pedagógicas nas instituições brasileiras. Elaborado pelos consultores da Universidade Federal da Paraíba e de professores da rede pública de ensino, os Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental - RCEF, volume 3, (2010) do Estado da Paraíba, trazem como conteúdo principal algumas idéias para o ensino de História, e apresenta uma proposta na mudança estrutural do Ensino de História baseada em tópicos, seguindo o conhecimento não somente de forma linear e especificamente temporal, mas sim de forma temática, discursiva e reflexiva. Para isso, alguns aspectos foram considerados na elaboração dos RCEF para a área de História: as bases legais para o Ensino de História no Ensino Fundamental – 1996/2010 e a inserção da disciplina no referente nível escolar. Dessa forma, os objetivos do Ensino de História devem construir a noção e consciência de identidade, de semelhanças e diferenças, de continuidades e de permanências; favorecer o conhecimento dos princípios e o exercício da prática de ações de cidadania e promover a formação das bases conceituais do conhecimento histórico.

Para tanto, algumas capacidades foram consideradas como propostas para a disciplina, tais como: **saber (re)conhecer** – *aprender a aprender* o tempo social nas experiências vividas; **saber interpretar** – *construir a própria compreensão* sobre as experiências históricas de outros povos/tempos/espacos em uma relação estreita com as próprias experiências; **saber comunicar** – *saber expressar e comunicar* as compreensões e elaborações do conhecimento histórico; **saber usar** – *mobilizar todos esses saberes* anteriores para atuar em nosso tempo histórico e interagir com os outros.

Partindo das observações vivenciadas ao longo de dois anos na disciplina de Pré-história, especialmente após a exposição de generalizações por parte dos alunos ingressantes quando questionados sobre o quê eles conheciam da Pré-história, ficou evidente a necessidade de insistir por um rompimento de um ciclo vicioso presente no desenvolvimento escolar, em que as antigas populações humanas são reduzidas ao conceito de “homem das cavernas”.

Deste modo, a elaboração do Projeto Pedagógico de Pré-História, assim denominado, foi conduzida no sentido de orientar os alunos da disciplina na produção de material e atividades pedagógicas voltadas para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, do 1º ano do

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁIBA

Ensino Médio e para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos nas esferas municipais (Ciclo III) e estaduais (1º ano do Ensino Médio). O resultado dessas produções foi considerado parte da avaliação final da disciplina, bem como produto de uma mostra geral, em que todos os alunos realizam as respectivas demonstrações de seus trabalhos, bem como a autoavaliação de suas experiências no processo de planejamento e execução de seus projetos.

A proposta elaborada para a disciplina, além do conteúdo teórico referente a Pré-história, teve como objetivos: 1) analisar os conteúdos presentes nos livros didáticos; 2) discutir métodos de aplicação do conteúdo em sala de aula; 3) criar junto aos alunos da disciplina recursos didático-pedagógicos a partir do conteúdo trabalhado em sala de aula, e sua aplicação nos diferentes níveis de ensino. Algumas atividades de extrema importância foram realizadas com os alunos como parte introdutória do referido projeto, com debates sobre os livros didáticos e das inovações apontadas pelos Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental e Médio do Estado da Paraíba, bem como a discussão referente ao Contexto Histórico da Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de História, todos focados, principalmente, na área de Ensino de Pré-História.

A aplicabilidade de todas as discussões teóricas sobre a antiguidade do homem, desde o seu surgimento até a sua chegada as Américas, se convertem em avaliações e reflexões de como todo esse conteúdo é repassado nas escolas, tanto através dos professores, como pelo que é abordado nos livros didáticos. O resultado de toda a avaliação e discussão emite aos graduandos uma melhor visibilidade frente aquilo que eles próprios aprenderam durante seu período escolar, mas, principalmente, o que pode ser modificado junto aos alunos dos níveis Fundamental e Médio.

Pondo em prática, os alunos da disciplina de Pré-história elaboraram seus projetos a partir dos conceitos acima apresentados. Exemplificando alguns dos resultados do Projeto para o 6º ano do Ensino Fundamental, temos dois grupos em destaque: o primeiro foi elaborado a partir de um jogo de percurso (demonstrado em um tapete composto por diversas figuras), buscou-se explicar o Processo de Instrumentalização ligado à Evolução Humana e seus Avanços Tecnológicos promovendo assim, uma compreensão lúdica ao público alvo. A proposta do grupo era demonstrar como evoluímos na construção de ferramentas, partindo desde a fabricação de instrumentos de pedra, como pontas de lança e raspadores, até chegar à utilização de computadores e celulares. Em cada estágio do percurso, este representado por

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁIBA

uma figura específica, era posto uma problematização no qual o aluno deveria relacionar o instrumento ou objeto fabricado ao período correspondente ao processo evolutivo humano. Desta forma, o aluno seria capaz de perceber o desenvolvimento tecnológico produzido pelo homem, desde os primeiros instrumentos até os dias de hoje³.

No segundo grupo, a proposta apresentada consistiu na produção de um *blog*, cujo conteúdo foi um relato fictício do cotidiano de uma mulher que vivia no período entre 15 mil a 5 mil anos. Nana Tiamat, a protagonista, fazia parte de um bando de caçadores-coletores que começava a domesticar plantas e animais. De maneira mágica e inexplicável, Nana viajou no tempo e aprendeu a ler e a escrever. Agora ela deveria contar um pouco de seu cotidiano, mas precisaria de ajuda, pois sua memória ficara comprometida na viagem. A cada atualização, um item diferente da cultura dessa ancestral era relatado no *blog*. Assim, pode-se discutir a organização social, o território, a nutrição, a moradia, a propriedade, as relações sexuais, a religião, e, sobretudo, a fabricação de instrumentos, tanto para caça e coleta quanto para a agricultura. A utilização de uma plataforma tecnológica como um *blog* abriu espaço para a interatividade com os alunos. Além do uso comum da ferramenta, a possibilidade de comentar os temas escritos por Nana proporcionou aos estudantes do ensino Médio o envio de vários elementos audiovisuais, que, através de pesquisas feitas pela internet ou consulta bibliográfica, ajudavam a ancestral a reconstruir sua própria história. Assim, com o acesso à rede mundial de computadores e estimulados pelo contexto de vida descrito por Nana, foi possível carregar filmes, fotos, desenhos, mapas ou até mesmo algum conteúdo de autoria dos próprios estudantes para ser publicado.⁴

Auxiliando o ensino médio, os Parâmetros Curriculares de História do Estado da Paraíba partem de leituras e avaliações críticas das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - 1999), dos Parâmetros Curriculares Nacionais+ (PCN+ - 2002), das Orientações Curriculares do Ensino Médio (2004) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – História (Versão 2005)/MEC, sugerindo novas práticas pedagógicas como renovação do processo ensino e aprendizagem. Através de eixos temáticos como Cidadania, Participação Política e Poder; Produção, Trabalho e Consumo e Cultura e Diversidade Cultural, o documento visa propor problemáticas norteadoras para o Ensino de História nesta etapa de

³ Grupo formado pelos alunos Alessandro Rezende, Felipe Santos, Janyne Barbosa, Luiz Mário Burity e Paulo Darlan Freire. 2011.

⁴ Grupo formado pelos alunos Henrique de Lima, Emílio Júnior, Valdemar Neto, Hermes Augusto e Douglas Carneiro, 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

ensino: o exercício da cidadania democrática; a inclusão social e a convivência na diversidade cultural. Com isso, o aluno que frequenta essa etapa de ensino tem a possibilidade de desenvolver habilidades e competências desde a apropriação do conhecimento histórico até a ligação desse conhecimento aprendido com o tempo presente. A proposta do documento é viabilizar conteúdos que possam nortear o trabalho em sala de aula com Eixos Temáticos, bem como a apresentação de sugestões de atividades e avaliações que objetivam a qualificação do aluno do ensino médio no conhecimento histórico.

Na disciplina de Pré-história, os trabalhos apresentados pelos alunos da graduação estavam concentrados em temáticas conciliadas ao conteúdo teórico da disciplina e a abordagem do público do Ensino Médio. Dentre os trabalhos desenvolvidos, dois mereceram destaques: o primeiro grupo concentrou-se na temática da instrumentalização, utilizando como atividade um programa de auditório. Dividido em duas etapas, as atividades consistiram, respectivamente, em um jogo de perguntas e respostas destinadas a duas equipes diferentes de alunos e na montagem de dois quebra-cabeças com figuras dos hominídeos associados as suas respectivas tecnologias. Ao final, a equipe vencedora recebeu uma premiação: um troféu artesanal, produzido pelos próprios graduandos, representando o tema abordado⁵.

Já o segundo grupo apresentou um trabalho de caráter mais inovador e uma proposta ousada para o público do Ensino Médio. Para tanto, fizeram uso da tecnologia na produção de um vídeo amador, dirigido e encenado pelos próprios graduandos idealizadores da atividade. Inspirados no longa metragem de Jean-Jacques Annaud, “A guerra do fogo” (1981), os alunos utilizaram como cenário uma das praias localizadas na grande João Pessoa. O enredo resumia-se numa família que tentava sua própria sobrevivência com os recursos naturais oferecidos pela paisagem, e nesse ínterim, descobrem o fogo. O objetivo do grupo era demonstrar como os primeiros hominídeos foram se adaptando aos ambientes em que viviam, e o ápice da apresentação consistiu na demonstração da descoberta do fogo e como essa “chave mestra” contribuiu para as necessidades primordiais, a exemplo da alimentação, dos antigos grupos humanos⁶.

Diante dos exemplos aqui citados, observamos que o ensino tradicionalista e a concepção de muitos pais de que o professor é o transmissor e detentor de todo conhecimento e de que os alunos são os agentes receptores, bem como a escola seja um local onde se realiza

⁵ Grupo formado pelos alunos Maria Cláudia Rocha, Fabiana Araújo, Indiara Lopes e Cássio Giovani. 2011.

⁶ Grupo formado pelos alunos Francisco Veloso, Simone Silva, Maria José Soares e Jorge Ferreira. 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

esse processo, são alguns dos obstáculos para a reformulação das práticas pedagógicas educacionais. Somadas ao ensino sem contexto, acabam resultando em desinteresse, em baixo desempenho e em um ciclo de desentendimentos, no qual os alunos ou seus pais consideram os professores fracos ou desinteressados. Na mesma perspectiva, os professores pensam exatamente o mesmo de seus alunos, numa escola em que o bom desafio do aprendizado e a satisfação do convívio dão lugar à apatia, tensão, displicência, violência, em proporções que variam com as circunstâncias sociais e familiares.

Para as renovações das práticas pedagógicas, percebem-se experiências importantes em muitas escolas brasileiras que desenvolvem novos projetos pedagógicos e novas práticas educacionais, nas quais leituras, investigações, discussões e projetos realizados por alunos, superam ou complementam a didática da transmissão e a pedagogia do discurso. As escolas que, em diferentes ambientes e condições, estão construindo novos e bem-sucedidos paradigmas educacionais, não são necessariamente as mais ricas ou as mais bem equipadas. Ao identificar propósitos e necessidades diferentes entre os estudantes, essas escolas associam ao trabalho de promoção do aprendizado geral, comum, atividades complementares de interesse amplo ou particular.

Os objetivos da nova educação pretendida são certamente mais amplos do que os do velho projeto pedagógico. Antes se desejava transmitir conhecimentos disciplinares padronizados, na forma de informações e procedimentos isolados; agora se deseja promover competências gerais, que articulem conhecimentos disciplinares ou não. Essas competências dependem da compreensão de processos e do desenvolvimento de linguagens, a cargo das disciplinas, e estas devem, por sua vez, ser tratadas como campos dinâmicos de conhecimento e de interesses, e não como listas de saberes oficiais.

Portanto, é preciso considerar a realidade do aluno e da escola, e evitar sugerir novas disciplinas ou complicar os trabalhos já existentes, tendo em vista que esse tipo de aprendizado não se desenvolve necessariamente assistindo a aulas, mas, sobretudo em outras práticas.

A formação do profissional de História geralmente começa e termina no curso de graduação. Depois de formado, este profissional envolve-se cada vez mais com responsabilidades familiares e não dispõe de tempo e dinheiro para investimento do seu aperfeiçoamento profissional. Sua identidade oscila entre a do professor difusor e transmissor

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

de conhecimento e a do produtor de saberes e fazeres. O professor de História preocupa-se em divulgar o que sabe, explicitando o seu pensamento e a sua emoção. Ao mesmo tempo vive a insegurança em relação a juventude e a defasagem de sua formação e o aceleração de novos estudos e pesquisas de conhecimento histórico.

Diagnosticar, planejar, avaliar e criar situações de aprendizagem que problematizem e interfiram no processo de construção do conhecimento dos seus alunos são algumas das atribuições dos nossos professores. O processo de produção e acesso ao conhecimento só será possível no momento em que estes profissionais tiverem transparência quanto aos objetivos a serem percorridos, às opções metodológicas e orientações didáticas que deverão seguir para mediar a apreensão do conhecimento, organizando-o e viabilizando-o por meio de atividades.

Nas relações com seus alunos, o professor precisa estar ciente da importância da afetividade, elemento desbloqueador de posturas e visões que uma parte significativa deles adquiriu em momentos tensos das experiências escolares anteriores. Tensões que provocam bloqueios como o medo de expressar-se diante dos colegas, de esclarecer dúvidas, de discutir uma ideia ou informação.

O Ensino de História é complexo e ao professor cabe a responsabilidade de desenvolver um aprendizado que possa contribuir para a formação do pensamento crítico e reflexivo. A sala de aula não é apenas um espaço de transmissão de informações, mas sim de relação dos interlocutores que constroem sentidos. Cabe ao professor de História promover um intenso diálogo com seus alunos, mostrando-se aberto para receber novas informações e reformular ideias, favorecendo a possibilidade de crescimento para todos os envolvidos no processo de educação escolar. É papel deste profissional ampliar os conhecimentos de seus educandos, estabelecendo a referência com a realidade em que eles interagem, em todos os sentidos.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. Varia hist. vol.22 no.36 Belo Horizonte July/Dec. 2006. Fonte: Scielo. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000200012&script=sci_arttext.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁIBA

BESSELAAR, José Van Den. **Introdução aos Estudos Históricos**, 3ª. Ed. São Paulo: Herder, 1968.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.

DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. São Paulo: Hemus, 1974.

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**. Uma perspectiva evolucionista. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria de Educação e Cultura. Gerência da Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Referencias Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural**. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

KARNAL, Leandro, TATSCH, Flavia Galli. Documento e História. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª Ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. PCN+ Ensino Médio Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em 29/08/2012.

MITHEN, Steven. **A pré-história da mente**. São Paulo: Unesp, 2002.

REZENDE, Alessandro; SANTOS, Felipe; BARBOSA, Janyne; BURITY, Luiz Mário; FREIRE, Paulo Darlan. **Dinâmica de aprendizagem em História para os alunos do 6º ano de Ensino Fundamental**. Relatório de Atividade Acadêmica, 2011.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

RODRIGUES, Katharine Seulen. **Projeto Pedagógico de Pré-História: A construção de um conhecimento prático**. Resumo expandido do XIV ENID – Encontro de Iniciação a Docência da Universidade Federal da Paraíba. 2011.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

RODRIGUES, Katharine S. do N. **O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos**. João Pessoa: UFPB, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIMÕES, Ana Maria; EITERER, Carmem Lúcia. A didática na EJA: contribuições da epistemologia de Gaston Bachelard. In.: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes & formação profissional**. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.